

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V—Número 1.554

Quarta-feira, 19 de Dezembro de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de Impressão—Rua da Atalaya, 114 e 115

O sr. Cunha Leal quer estabelecer uma tirania militar para satisfazer as suas ambições políticas.

Nem parlamentarismo nem ditadura — sindicalismo!

O parlamentarismo faliu, é uma verdade. Mas primeiro faliu o despotismo, a ditadura. Parlamentarismo e ditadura são duas formas de opressão, que os defensores da Liberdade devem condenar. Só um novo regime baseado no trabalho, livre do explorador patrão e do opressor Estado, corresponderá às necessidades da época e às aspirações do povo. O Sindicalismo — eis a fórmula social nova que vivendo da vontade directa do povo, dispensa os parlamentos, os ditadores e os salvadores e habilita o trabalhador a regular e gerir os seus próprios interesses

A política capitalista encontra-se actualmente dividida em duas opiniões opostas: parlamentarismo e ditadura. Num ponto apenas todos os políticos estão de acordo — e até mesmo nós, que não somos políticos no sentido mesquinho da palavra. Todos concordamos que o país atravessa uma crise económica e moral sem precedentes.

Os que defendem o parlamentarismo usam uma argumentação velha e gasta que a ninguém convence. Dizem, em resumo, que o parlamento, no qual se agrupam os representantes de todas as tendências políticas do povo, serve implicitamente os interesses da maioria e não permite aos governos o abuso do poder, visto que tem a faculdade de legislar segundo as necessidades do país, competindo aos governantes pôr em execução as medidas ditadas pelo parlamento. Tudo isto é muito bonito em teoria e parece à primeira vista que es-

tá muito certo. O pior é que os representantes do povo são apenas representantes dos seus interesses pessoais, de grupelão ou de entidades capitalistas; as eleições que os levam aos "fauteuils" das Câmaras constituem autênticas burles, onde poderá entrar tudo — desde a chapelada ao assalto às urnas ou compra de votos — menos a vontade popular; as discussões parlamentares são estêreis e decorrem à margem dos interesses e das necessidades do país.

Poderíamos citar mais argumentos comprovativos da inutilidade do parlamento, mas seria trabalho desnecessário porquanto os leitores e os próprios parlamentares os conhecem de cor.

Vamos à ditadura. Quem tivesse ouvido o sr. Cunha Leal defendê-la com tanto calor e entusiasmo ficaria intratado de que é a ditadura. Ele teve a pouca habilidade de citar, para reforço da sua argumentação a favor da ditadura,

a política de Mussolini, de Rivera e de Poincaré (a ditadura deste último é disfarçada, mal disfarçada).

Ora só um doido ou um indivíduo que toma os outros por doidos ou parvos se lembraria de ir buscar argumentos tão reles para defender o seu ponto de vista.

O sr. Cunha Leal disse mal dos políticos, e tinha razão, embora não tivesse autoridade moral; chorou pitanga pela pátria, que tem ajudado a perder; lamentou a confusão que lavra na política, da qual também é culpado. E para pôr cobro ao desalvado a que todos assistimos o sr. Cunha Leal só encontra um meio — a ditadura militar. A fim de nos seduzir, de nos atrair às suas teorias apresenta exemplos: a ditadura de Mussolini e de Rivera.

Belos figurinos! Que fizeram esses grandes homens, essas grandes mentalidades? Rivera quando subiu ao poder

encontrou um país de indústria precária (a excepção da Catalunha), de agricultura. O povo vivia mal economicamente e as liberdades eram restritas; a reacção católica aliada ao capitalismo governava. Que modificou Rivera? Fez o Parlamento, deixou em liberdade os políticos que acusava de crimes tremendos, prosseguiu a guerra em Marruecos, contrariou o espírito popular. E a miséria do povo continua, a agricultura permanece deficiente, a indústria precária, a reacção católica aliada ao capitalismo é mais forte ainda.

Que inovações foram as do sr. Rivera? A censura à imprensa, a restrição da liberdade de associação e de pensamento.

E Mussolini? Que fez Mussolini? Belos discursos. A lira desvalorizou-se após a sua subida ao poder, a liberdade de reunião e de pensamento passaram a ser constantemente ameaçadas, as pri-

mes encheram-se de milhares de homens; o cidadão é agredido e ameaçado pelos fascistas; as associações operárias e cooperativas têm sido assaltadas e incendiadas; a imprensa avançada está amordaçada e a miséria de outro tempo é a miséria de hoje.

O sr. Cunha Leal entende que tudo isto é maravilhoso e apresento-nos aqueles figurinos para nos identificar com a ditadura. E na verdade uma cura bela, maravilhosa a ditadura — que ha de salvar isto...

O sr. Cunha Leal não é um parvo. Sabe muito bem que o povo já não se deixa embalar em cantos de sereia. O sr. Cunha Leal é muito feio para servir de sereia embaldadora... Ele sabe que as únicas pessoas que podem sentir-se seduzidas pelas suas imagens são aquelas que alguma coisa têm a perder no dia em que a verdadeira justiça puser tudo nos seus lugares. Os banqueiros,

os moageiros, os assambarcadores, os padres e muitos militares, todos os que têm haveres ilícitos, todos os que vivem à custa do povo, todos os que ambicionam imperar, esmagar, oprimir ou governar-se, esses acham maravilhosas as ideias do sr. Cunha Leal, esses aplaudem-no e confiam no triunfo das espaldas que melhor garantam os seus privilégios iníquos. Agora os trabalhadores, os homens de consciência recta e de aspirações sublimas, embora não defendam o parlamentarismo, ditadura mais atenuada, mais hipócrita, esses sabem que a sua miséria será mais agravada pela ditadura que nem sequer lhes permitirá exprimir o desejo duma sociedade melhor.

O sr. Cunha Leal, deixe-se de aventuras perigosas! Basta de palhaçadas! Os Bancos também fazem bons negócios com o parlamento aberto. Acabe com as conferências públicas que não inte-

ressam ao povo. Limite-se a prorar nos quartéis e nos Bancos, onde encontrará ouvintes apaixonados.

O povo não quer o parlamento, nem a ditadura — um é mau, a outra é pior. O povo está farto de governos, está cansado da canga, está revoltado contra os aventureiros que em seu nome especulam e agem contra os seus interesses. O povo pretende viver livre, sossegado, sem parlamento e sem ditadura, numa sociedade administrada por ele próprio, através das suas associações, organismos vitais que recebem directamente o seu esforço e a sua vontade e conduzirão os assuntos públicos no verdadeiro sentido dos seus interesses.

Nem parlamentarismo, nem ditadura — sindicalismo. Eis a fórmula social que melhor corresponde às necessidades económicas e morais dos povos civilizados.

As vitórias do sindicalismo dão origem a maus humores e ataques à Confederação Geral do Trabalho inspirados na Internacional Sindical Vermelha

A «Internacional» tem como objectivo principal, pois que esse objectivo é a razão da sua existência, defender a Internacional Sindical Vermelha e atacar a Internacional do Berlim. Coerente com essas ideias, coerente com esses sentimentos o jornal acima referido bate na C. G. T. e na Batalha por esta ser uma sua emanção espiritual. A C. G. T. aderiu a Berlim por uma maioria esmagadora de votos que sancionou os votos expressos no Congresso da Covilhã; votos emitidos após uma serena e elevada questão de princípios. Dissentida a adesão votada duas vezes inofensivamente a Berlim, a questão internacional ficou arramada.

Os que são contra a decisão da C. G. T. e entendem que ela em Moscú é que estava bom, fazem um jornal para acentuar a sua discordância. Dizem que a C. G. T. podia funcionar melhor acrescentando, ó claro, ... desde que os que assim pensam lhe forneçam com a sua capacidade de trabalho meios de melhorar o seu funcionamento. Tratando-se duma questão de ordem interna está bem de ver que só internamente se pode remediar para o que contribuiriam — nesse ponto é impossível discordar — mais do que os já mais que traduzem o pensamento do Moscú indiretamente do francês para português e de traduções fazem viver o seu pensamento, os gestos, os belos gestos, de pôr de parte as palavras escritas para só entrar nos gestos positivos. E' de efeito vir gritar para as colunas do jornal e para as mezas dos cafés que a C. G. T. deve funcionar melhor.

Trazer à C. G. T. o que ela precisa, substituir a declaração do acto, a frase pelo trabalho — eis o que seria prático. Sem quereremos pôr em dúvida de modo algum as qualidades de trabalho dos que redigem e administram a «Internacional» diremos que só encaram a questão interna como pretexto para debicar na adesão a Berlim. Apontam a questão interna mas é a questão da Internacional que lhes fez gastar papel e tinta. «Somos intolerantes» — diz a «Internacional». Isso recorda-nos um personagem do Flor e Caillavet que chamava maroto nos que não pensavam como ele. Intolerante — é ser por Berlim. A nós, parece-nos que não é de tolerância que se trata, mas duma divergência sobre a questão internacional.

São por Moscú os militantes da «Internacional». São, sem ignorarem que a I. S. V. está ligada à internacional Comunista o que só do ponto de vista nacional quero dizer sindicalismo su-

bordinado ao partido comunista. São, pondo de lado, o seu sindicalismo, que de preocupação principal passou a preocupação secundária. Para a Internacional de Berlim, para a C. G. T. o sindicalismo deve ser livre de tutelas, agindo em benefício da libertação das massas e não em benefício dum partido.

A liberdade sindical não cabe na gaiola de Moscú. Isso mesmo sabem os da «Internacional» que conhecem as lutas, porque nelas tomaram parte também, travadas para salvar a classe operária e o movimento que sintetizava as suas aspirações das mãos dos que a usaram para objectivos políticos. Ontem lutou-se, para salvar o sindicalismo da política. Hoje, venceu-se outra batalha. Na primeira partilharam até ao fim da alegria da vitória os da «Internacional». Da segunda vitória do sindicalismo que foi na sua derradeira escaramuça a questão internacional, a alegria não foi partilhada pelos da «Internacional» até ao fim. Ficaram só até a meio

A situação da Alemanha

Berlim, 18. — A Alemanha está disposta a criar influências e simpatias na Alemanha estrangeira e a facilitar, modificando formas burocráticas que impediam o ingresso dos estudantes estrangeiros nas suas Universidades e o mais íntimo contacto entre eles e as classes de alta cultura alemã.

A desnacionalização dos caminhos de ferro

Berlim, 18. — O governo está discutindo o projecto de ceder os caminhos de ferro a várias companhias que os exploram. O sr. Oster disse que o governo redigira o plano de Stines para a completa desnacionalização dos comboios e da sua entrega à exploração particular. Disse mais que o futuro dos comboios alemães constitui um dos mais importantes problemas económicos do país e que era necessário aumentar a sua produção e reduzir as despesas e que para esse fim estava examinando atentamente o plano de reorganização ferroviária elaborada em Itália. Os comboios alemães empregam cerca de um milhão de indivíduos que devem ser reduzidos em 25%. Esta redução está-se fazendo progressivamente.

Prisão de 300 comunistas

Berlim, 18. — Cerca de 300 comunistas prenderam-se secretamente sob o pretexto de se dedicarem a jogos atléticos, tendo sido detidos pela polícia.

Atitude dos Estados Unidos

Londres, 18. — A imprensa inglesa foi informada de que os Estados Unidos se recusam a poder-se dar dos capitães alemães depositados na América, para com eles satisfazerem as reparações.

A República na Grécia?

Atenas, 18. — A crise do regime é cada vez mais intensa. Espera-se para breve a proclamação da república.

O tumulto dos Farós

Lucksor, 18. — O tumulto de Tut-Ank-Amón está de novo a ser explorado.

O compartimento interior cujas portas já foram tiradas oferece um aspecto maravilhoso. As portas do segundo tabernáculo são em ouro lavrado com grandes flocos de bronze que tem ainda os selos que já foram colocados há 30 séculos. A parte superior está ornamentada com cenefas de rosetas de ouro esplendidamente bem conservadas exceto junto à porta onde caíram algumas. Todo o ouro do tabernáculo e do segundo repartimento está tão brilhante como o ouro duma moda. O sr. Carter disse aos jornalistas que todos os objectos podem ser reparados sendo no entanto impossível a alguns restituí-los a cor e o brilho do passado porque o segredo dessas cores desapareceu com os artistas egípcios.

O sarcófago onde se encontra o corpo do Faró vai ser aberto em breve faltando apenas remover os três corpos de relíquias que o circundam. Há uma grande ansiedade de examinar a parte interna onde se espera encontrar objectos esplendidos. Em redor da parede do sepulchro estão várias figuras de tamanho natural representando Tut-Ank-Amón adorando vários deuses do mundo interior. Outras figuras representam a cerimónia do enterro e alguns sucessores do Faró.

Trabalhadores: Luta à Batalha

Festa no Lactário

Efectua-se no próximo domingo na Associação da Primeira Infância, Largo do Museu de Artilharia, a sessão solene comemorativa da inauguração dos Lactários, havendo distribuição de envelopes às mães das crianças socorridas, angariadas por uma comissão de senhoras protectoras assistentes.

POLITICA

O novo governo tomou ontem posse

O sr. Alvaro de Castro realizou ontem as últimas demarches para constituir o ministério. O sr. Jaime Cortezão recuou a pasta da Instrução indicando para ela o sr. Antonio Sérgio que foi aceite, e recusou a pasta da Agricultura para a qual não se sentia com vocação. Prometeu, no entanto arranjar para ela um agricultor que segundo corre será o sr. Ezequiel de Campos. A «Seara Nova» empréstou dois ministros à política apesar das suas declarações perentórias em contrário e de ter em tempos expulsado o sr. Francisco António Correia por ter sido ministro. Mas, o sr. Raúl Proença, provará em aguerido artigo que a «Seara Nova» age como diz pensam, apresentando como argumento esmagador o facto de ser ateu...

O elenco Alvaro de Castro é assim composto: Presidência, Colónias e interino das Finanças, Alvaro de Castro.

Justiça, José Domingues dos Santos, Guerra, Major Ribeiro de Carvalho, Marinha, Cap. de fragata Pereira da Silva.

Interior, General Sá Cardoso, Instrução, Antonio Sérgio.

Comércio e interino da Agricultura, António da Fonseca.

Estrangeiros, Domingos Pereira. Trabalho, Lima Duque.

O preenchimento da pasta das Finanças aguarda a resposta do Messias de Paris.

O governo tomou posse, ontem às 19,20 no ministério do Interior.

Na câmara dos deputados não houve sessão por falta de número.

No Senado

A sessão abriu às 15,20 tendo o sr. Catão de Menezes elogiado o general e senador sr. Roberto Baptista por ter contribuído para a sufocação do último movimento revolucionário. No mesmo sentido falaram vários senadores tendo o homenagem feito a afirmação que os elogios recaíam sobre a tropa que comandou, afirmou que se tinha separado do partido nacionalista.

A propaganda da ditadura

O sr. Cunha Leal está resolvido a ir a várias cidades da provincia, mal finde o período festivo do Natal e ano Bom, fazer discursos.

Trata-se da propaganda duma ditadura apoiada pelas espadas do exercito, pelos padres, pelos sidonistas e monarchicos.

Congresso Radical

Realiza-se no dia 31 de Janeiro no ano próximo, na cidade do Porto o 2.º congresso do Partido Republicano Radical. A comissão organizadora está instalada naquelle cidade, rua Chã, 117,2.

INSTRUÇÃO

O professor contratado sr. Angelo Pinto Ribeiro foi nomeado professor ordinário do 3.º grupo (filologia germanica), da faculdade de letras do Porto.

Operários das Obras do Estado

A comissão de delegados do Conselho de Secções do S. U. C. Civil, entrevistou ontem o administrador e director dos Edifícios Públicos sobre a situação dos respectivos operários, sendo resolvido por aquelles entidades que continuassem as obras da muralha de cerca do hospital de Santa Marta, em virtude de existir uma pequena verba, e por isso são chamados os operários que trabalhavam nessa obra.

EM BOURGES

O Congresso da C. G. T. Unitária

Prosegue o debate sobre a orientação sindical

Lúcia Collard, da Comissão Feminista, atacou Maria Guillat, dizendo que não queriam na Comissão senão mulheres naturalmente solidárias da revolução russa, tendo confiança absoluta na I. S. V. e prestando o seu concurso sem reservas à revolução alemã.

Termina apresentando a resolução tomada na Conferência Feminista de 11 de Novembro em Bourges. Nessa resolução propõe-se a realização dum inquérito sobre as condições de trabalho das mulheres e a realização duma propaganda junto das mulheres do regime proletário da Rússia. A Conferência Feminista recusa-se a criticar detalhes ou partes do bloco da revolução russa porque a considera como a mais completa expressão, no momento presente, da emancipação proletária. Compreendendo que a revolução alemã é a continuação e o desenvolvimento da revolução russa considera como um dever primordial esclarecer as mulheres sobre os acontecimentos da Alemanha. Unidas sem a menor reserva aos trabalhadores dos dois sexos, agrupados na I. S. V. as mulheres sindicadas lutarão para conquistar para o movimento operário todas as mulheres que sofrem a exploração burguesa.

Maria Guillat replica que as propagandistas feministas não devem falar de tendências às mulheres que estão fora do movimento operário visto que elas não sabem o que é sindicalismo. Diz ainda que é revolucionária e tem cumprido os seus deveres não sendo para

isso necessário admitir a tendência da maioria.

Fenê ataca os que acusam os comités de defesa sindicalista de se recusarem a acção e de serem contra-revolucionários. Acusa Monmousseau de querer afastar Totti sistematicamente e de proceder como ditador.

Entre Totti e Monmousseau trocam-se explicações.

A sexta sessão — 14 de Novembro — abre às 14,30.

Planchon entende que o melhor meio de defender a revolução alemã é defender a unidade internacional e declara-se partidário de conferências internacionais reunindo as três internacionais de Amsterdão, de Moscú e de Berlim.

A mensagem da I. S. V. em vez de ser um apelo à unidade é uma injúria lançada a uma fracção do proletariado revolucionário. Se assim continua, a unidade ainda se torna mais imoral que a acção. Defende a autonomia da C. G. T. U. dentro da I. S. V. e afirma que a unidade da maioria responder-se há com a unidade da minoria.

Raynaud afirma que a carta de Amiens que data de 1906, se applicava a factos que já não existem em 1923. Na hora actual somos um sector da frente proletária e não nos assiste o direito de subordinar a acção geral do proletariado às condições de luta do sector francês.

Se um dia os anarquistas predominassem nos sindicatos isso não queria dizer que eles ficavam subordinados à anarquia, mas que as suas teses e métodos teriam prevalecido. Se um dia tives-

sem maioria pedir-lhe hiamos que fossem mais tolerantes como nós o temos sido. Deploremos que a luta de tendências absorva a actividade da C. G. T. U. a ponto de pôr em perigo a unidade.

Accary constata que as apreensões da minoria sobre a independência do sindicalismo são lógicas. Existem duas tendências: a que quer fazer a revisão da carta de Amiens e a que nela se inspira directamente. Considera o movimento sindical como um movimento que não necessita da tutela dum agrupamento filosófico ou político.

As ordens dadas pelas comissões sindicais derivam não dos sindicatos mas do Partido Comunista. Afirma que o partido comunista se assemelha ao partido socialista de antes da guerra na atitude para com o sindicalismo. O que se fez em Amiens em 1906 deve fazer-se agora em Bourges: repelir a intromissão dos partidos políticos. Entre a maioria e a minoria há um antagonismo profundo. A maioria pretende um governo enquanto a minoria quer a desparação do capitalismo e do Estado.

Mangest manifesta-se contrário à interpretação da carta de Amiens. Se uma organização sindical se quizesse, como na moção da maioria, organizar as tendências surgiriam umas 20 que tornariam todo o trabalho sindical, impossível. Se, como se tem declarado, o Partido comunista é um organismo completamente operário e o sindicalismo é incapaz de fazer a revolução deve deixar-se esse cuidado a um partido.

lção histórica que ele encerra e que sendo um ferrete em brasa, devia servir de exemplo à derracada prole de Miguel de Vasconcelos que aí temos em abundância, porque é mister que entre os próprios portugueses jamais se acabe o escalacho miserável de traidores encobertos com o manto opaco do seu refalsado patriotismo.

Sem mais conversa sobre essas alimárias. E' como certo que «Deus escreve direito por linhas tortas», aconteceu que o sobredito cartaz veio mesmo a talhe de foice para a factura ou confecção desta breve noticia, sendo igualmente hora de livida que a luta contra o destino, demonstrado está, é intrinsecamente inútil, por ser elle ineluctável, de sua condição, donde se tira que o consumismo português não pode vencer e gananciosos do comércio e da finança nem a indiferença protectora que lhes dispensam, por via de regra, além das autoridades e da justiça, os nossos governantes simbolizados nos talis mostruozes de máscara afivelada que, no cartaz, simbolizam grande número daqueles que, com a máscara da democracia, o barrete frio e os balandras da liberdade, da igualdade e da fraternidade, ocupam, por vezes, as cadeiras do poder ou desempenham cargos superiores nesta República bem digna de melhor sorte e dedicados servidores e defensores, os quais, por suas obras a têm convertido numa república de Venézia, correcta e aumentada, além de todas as prevídes.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

Assim mesmo e «tout court», desta vez, para demonstrar que se os meus artigos são quasi sempre compridos, também sei escrevê-los pequenos, como este, consoante as circunstâncias e a própria natureza do assunto.

José BENEDY